



**VALÉRIE
PERRIN**

TRÊS

DA AUTORA DE ÁGUA FRESCA PARA AS FLORES

inrínseca

**VALÉRIE
PERRIN**

TRÊS

TRADUÇÃO DE JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © Éditions Albin Michel, 2021

TÍTULO ORIGINAL
Trois

COPIDESQUE
Luísa de Mello

REVISÃO
Rayana Faria
Júlia Ribeiro

LEITURA SENSÍVEL
Manuêla Rodrigues

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES
Antonio Rhoden

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P541t

Perrin, Valérie, 1967-
Três / Valérie Perrin ; tradução Julia Sobral Campos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

Tradução de: Trois
ISBN: 978-65-5560-664-5

1. Romance francês. I. Campos, Julia Sobral. II. Título.

23-83833

CDD: 843

CDU: 82-31(44)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Nicola Sirkis e Yannick Perrin.

Em memória de Pascale Romiszvili.

4 de dezembro de 2017

Hoje de manhã, Nina me olhou sem me ver. Seu olhar escorregou como as gotas de chuva na minha capa impermeável, logo antes de ela desaparecer dentro de um canil.

Estava caindo uma tempestade.

Vislumbrei sua palidez e seu cabelo preto debaixo do capuz. Ela usava galochas grandes demais e segurava uma mangueira comprida. Avistá-la provocou uma espécie de descarga elétrica na minha barriga, quinhentos mil volts, pelo menos.

Entreguei trinta quilos de ração. Faço isso todo mês, mas nunca entro no abrigo. Ouço os cães, mas não os vejo. A não ser quando um dos passeadores cruza meu caminho.

Há sacos alinhados, lado a lado, diante do portão de entrada. Um funcionário, sempre o mesmo, um rapaz alto com a barba por fazer, me ajuda a carregá-los até uma porta onde vejo os avisos ABANDONO MATA e FAVOR FECHAR BEM A PORTA AO SAIR.

Todo ano, perto do Natal e entre junho e julho, mas nunca no mesmo dia, eu enfio um envelope com algum dinheiro e o nome NINA BEAU escrito em canetinha preta na caixa de correio do abrigo. Dinheiro anônimo. Não quero que ela saiba que sou quem faz as doações. Não faço isso pelos animais; faço por ela. Sei que tudo será gasto com tigelas e cuidados veterinários, mas quero que o dinheiro passe por ela sem deixar rastros. Só para que saiba que aqui fora não há apenas seres humanos que jogam seus filhotes de gato no lixo.

Trinta e um anos atrás, ela me olhou sem me ver, como hoje de manhã. Nina tinha dez anos, estava saindo do banheiro masculino. O das meninas estava ocupado, e ela já era impaciente naquela época.

Seu olhar deslizou por mim e ela se desmanchou nos braços de Étienne.

Estávamos no Progrès, o bar e tabacaria dos pais de Laurence Villard. Era uma tarde de domingo, e o estabelecimento estava fechado. Tinham reservado o bar para o aniversário da filha. Eu me lembro das cadeiras em cima das mesas, os pés para o ar, umas sobre as outras; de uma pista de dança improvisada entre uma máquina de pinball e o balcão; dos embrulhos de presente rasgados por cima, ao lado das batatas fritas e dos biscoitos recheados, dos canudos amarelos dentro de copos de papel cheios de suco de fruta e limonada.

A turma inteira do quinto ano estava lá. Eu não conhecia ninguém. Tinha acabado de chegar em La Comelle, cidade operária no centro da França com cerca de doze mil almas.

Nina Beau. Étienne Beaulieu. Adrien Bobin.

Observei o reflexo deles nos espelhos incrustados ao longo do balcão.

Tinham nomes antiquados. A maioria de nós se chamava Aurélien, Nadège ou Mickaël.

Nina, Étienne e Adrien eram inseparáveis. Nesse dia, como em todos os outros, eles não me viram.

Nina e Étienne dançaram ao ritmo de “Take on Me” da banda A-ha a tarde inteira. Era um vinil maxi de 45 rotações. Durava vinte minutos. As crianças da minha turma o deixaram tocando sem parar, como se não existissem outras músicas.

Nina e Étienne dançaram como adultos, como se tivessem feito aquilo a vida toda. Foi o que eu pensei enquanto os observava.

Sob a luz da pista de dança improvisada, pareciam dois pássaros marinhos batendo as asas durante uma noite de ventania, iluminados por um farol distante.

Adrien ficou sentado no chão com as costas apoiadas na parede, não muito longe deles. Quando Cindy Lauper começou a cantar “True Colors”, ele foi até Nina e a tirou para dançar.

Étienne esbarrou em mim. Nunca vou esquecer seu cheiro de vetiver e açúcar.



Moro sozinha na parte alta de La Comelle, que não é muito alta, porque o campo tem apenas leves subidas. Voltei para cá depois de um tempo longe. Aqui, reconheço o barulho das coisas, os vizinhos, os dias ensolara-

dos, as duas ruas principais, os corredores do supermercado onde faço as compras semanais. Faz cerca de dez anos que o preço do metro quadrado é uma mixaria, estão praticamente dando os terrenos de graça. Então comprei uma casinha por meia dúzia de francos e a reformei. Quatro cômodos e um jardim com uma tília que dá sombra no verão e chá no inverno.

Aqui, as pessoas vão embora. Menos Nina.

Étienne e Adrien foram embora, voltam para o Natal e vão embora outra vez.

Trabalho de casa, revisando e traduzindo manuscritos para editoras. E, para conseguir socializar com os locais, substituo o jornalista *freelancer* da região em agosto e dezembro. No verão, cubro o obituário, as bodas de casamento e as competições de buraco. No inverno é a mesma coisa, a diferença são os espetáculos infantis e os mercados natalinos.

As traduções e revisões são resquícios do meu passado.

As memórias, o presente e o passado mudam de cheiro. Quando nossa vida muda, nosso cheiro muda.

A infância tem cheiro de piche, de boia de piscina, de algodão-doce, de desinfetante das salas de aula, de fumaça que escapa das lareiras das casas nos dias frios, de cloro das piscinas municipais, de suor que fica nos casacos pendurados na volta da aula de educação física, de balas cor-de-rosa na boca, de cola que faz fiapos entre os dedos, de caramelos grudados nos dentes, de árvore de Natal.

A adolescência tem cheiro de um primeiro trago, de desodorante almiscarado, de torrada com manteiga mergulhada em uma xícara de chocolate quente, de uísque com Coca-Cola, de adegas transformadas em salões de festa, de corpo que deseja, de creme antiacne, de gel para cabelo, de xampu, de batom, de manchas de sabão na calça jeans.

As vidas seguintes cheiram a um cachecol que foi esquecido pela primeira pessoa que partiu seu coração.

E aí tem o verão. O verão pertence a todas as lembranças. É atemporal. O seu cheiro é o mais forte. É aquele que fica nas roupas, aquele que buscamos a vida inteira. O de frutas muito doces, de brisa do mar, de rosquinha, de café, de protetor solar, do pó de arroz das avós. O verão pertence a todas as idades. Não tem infância nem adolescência. O verão é um anjo.

Sou alta e desengonçada, nem muito magra, nem muito gorda. Uso franja e tenho cabelo castanho-escuro cortado na altura dos ombros. Há alguns fios brancos na cabeleira, que escondo com rímel marrom.

Meu nome é Virginie. Tenho a mesma idade deles.
Hoje, dos três, só Adrien ainda fala comigo.
Nina me despreza.
Quanto a Étienne, eu é que não quero mais saber dele.
No entanto, eles me fascinam desde a infância. Passei a vida inteira
apegada aos três.
E a Louise.

2

5 de julho de 1987

Começa com uma dor de barriga depois do sanduíche com batatas fritas mergulhadas no ketchup. Nina está sentada debaixo de um guarda-sol em frente ao vendedor de batata frita. Há algumas mesas de ferro coloridas e uma varanda com vista para as três piscinas do clube municipal. Ela está escutando “La Isla bonita”, de Madonna, enquanto lambe a ponta dos dedos suja de sal e observa, com um ar sonhador, um garoto loiro bronzeado saltar do trampolim de cinco metros. Ela enfia os dedos na caixa vazia para pegar os restos. Étienne se balança na cadeira enquanto beberica um refresco de framboesa, e Adrien morde um pêssego muito maduro, que escorre em suas mãos, ao redor da boca, sobre as coxas; há suco por toda parte.

Nina encara Étienne e Adrien sem hesitar. Ela nunca os olha de soslaio. Fixa o olhar em uma parte de seus corpos e o deixa lá. Isso incomoda Étienne, e ele muitas vezes reclama: “Para de me olhar desse jeito.” Adrien parece não ligar: Nina é desse jeito, não tem medo de nada.

Ela sente as pontadas na barriga de novo, e então um líquido morno escorre por entre suas coxas. Nina entende. Ainda não. Nova demais. Não quero. Onze anos em duas semanas... Achava que *ela* chegaria mais tarde, entre o sétimo e o nono ano. Ia começar o sexto ano em dois meses... *Que vergonha, se as outras meninas souberem que fiquei menstruada, vão achar que eu repeti de ano.*

Ela fica de pé e se enrola numa toalhinha áspera. É muito magra. “Um fiapo”, diz Étienne o tempo todo para irritá-la. Ela devolve o walkman para ele sem dizer nada, e anda em direção ao vestiário feminino. Costuma ir no dos meninos para que o processo de tirar e botar a roupa na cabine leve menos tempo.

Étienne e Adrien ficam esperando. Nina saiu de repente sem lhes dirigir a palavra. Esses três nunca se separam sem dizer aonde vão.

— O que deu nela? — pergunta Étienne com o canudo no canto da boca.

Adrien comenta que o frescor deixou a língua do amigo cor-de-rosa.

— Sei lá — diz. — Talvez seja a asma dela.

Neste dia, Nina não volta para a piscina. Há uma mancha marrom no seu biquíni. Ela troca de roupa rapidamente e enfia uma bola de papel higiênico na calcinha. Parece que há um inchaço entre as coxas. Passa na farmácia para comprar absorventes com o troco das batatas fritas. Um pacote com dez. O mais barato.

Quando chega em casa, sua cadela, Paola, a observa com uma cara estranha, abanando o rabo. Ergue o focinho e vira as costas para se juntar a Pierre Beau, avô de Nina, que está ocupado no jardim. Ele não a viu chegar. Ela se fecha em seu quarto, no andar de cima.

Está muito calor. Nina gostaria de estar com Étienne e Adrien na fossa. É como chamam a piscina mais funda, com quatro metros de profundidade. Três trampolins se elevam dali: a um metro, três metros e cinco metros de altura. A fossa é profunda demais para que a água esquentar. E o desafio de sempre é tocar o fundo gelado depois de saltar.

À noite, Étienne liga para Nina. Adrien tenta falar com ela na mesma hora, mas a linha está ocupada.

— Por que você foi embora sem dizer nada?

Ela hesita na resposta. Pensa em alguma mentira. Para quê?

— Fiquei menstruada.

Para Étienne, menstruação é algo que só acontece com meninas que já têm peito, pelos, com as mães, com as mulheres casadas. Não com Nina. Étienne coleciona figurinhas e ainda chupa o dedo escondido.

Nina é que nem ele. Étienne viu as Barbies enfileiradas, uma ao lado da outra, no quarto dela.

Após um longo silêncio cheio de dúvidas, ele pergunta:

— Você contou pro seu avô?

— Não... que mico.

— O que você vai fazer?

— O que você quer que eu faça?

— Talvez não seja normal na sua idade.

— Parece que depende da mãe. Se a minha menstruou com essa idade, é normal. Não tenho como saber.

— Dói?

- Aham. Como uma dor de barriga. Dor de sopa de cebola nojenta.
- Ainda bem que eu não sou menina.
- Você vai ter que fazer serviço militar.
- Talvez... mas mesmo assim, ainda bem. Você vai no médico?
- Não sei.
- Quer que a gente vá com você?
- Pode ser. Mas vocês me esperam do lado de fora.



Os três se conheceram dez meses antes, no pátio da escola Pasteur, no primeiro dia de aula do quinto ano.

É a idade em que tudo vira uma bagunça. A idade em que as crianças não se parecem mais. Umas são grandes, outras, pequenas. Puberdade, não puberdade. Algumas parecem ter catorze anos, outras, oito.

As duas turmas do quinto ano estão reunidas no pátio. Diante de cerca de sessenta alunos, a professora, madame Bléton, e o professor, monsieur Py, fazem a chamada lado a lado.

É a manhã em que descobrimos os golpes do acaso e os golpes do destino, em que aprendemos a ver a diferença.

As crianças rezam em silêncio — até as que nunca puseram os pés numa igreja — enquanto aguardam serem chamadas pela madame Bléton. Monsieur Py tem uma péssima reputação. Gerações de antigos alunos traumatizados contaram aos mais novos. Um tremendo babaca que não hesita em dar tapas, em erguer uma criança do chão pela gola da blusa, nem em quebrar cadeiras contra a parede quando está com raiva. Todo ano escolhe um alvo e depois não larga mais. Geralmente é um mau aluno. “Então é melhor estudar, senão você está ferrado.”

Madame Bléton, fileira da direita. Monsieur Py, fileira da esquerda. Eles fazem a chamada em ordem alfabética.

Ouvimos suspiros de alívio discretos na fileira da direita. Os ombros relaxados, como se tivessem agradecido aos céus. E vemos ares de condenados à morte nos que se juntam à fileira da esquerda.

Há um silêncio perturbador na escola Pasteur esta manhã. Apenas as vozes dos dois professores ressoam no pátio. Chamam os alunos cujos sobrenomes começam pela letra A, um por vez.

Adam Éric, fileira da direita.
Antard Sandrine, fileira da esquerda.
Antunès Flavio, fileira da direita.
Aubagne Julie, fileira da esquerda.
Então os nomes com B.
Beau Nina, fileira da esquerda.
Beauclair Nadège, fileira da direita.
Beaulieu Étienne, fileira da esquerda.
Bisset Aurélien, fileira da direita.
Bobin Adrien, fileira da esquerda.

É assim que Nina Beau, Étienne Beaulieu e Adrien Bobin se conhecem, no dia 3 de setembro de 1986. Como os dois meninos parecem petrificados, Nina os pega pela mão e os puxa até a fileira diante do monsieur Py. Étienne não hesita. Deixar-se guiar por uma menina é um constrangimento, mas ele não se dá conta por causa da dupla sentença: acaba de perder seu colega, Aurélien Bisset, pois está com Py. Na escola Pasteur, do primeiro ao quarto ano, todos os alunos veem essa última fase antes do ensino fundamental II como um teste. “Você pegou o Py, que droga, é um inferno ficar na turma dele.”

Os três aguardam o fim da chamada lado a lado.

Étienne é muito mais alto que os outros dois. Tem traços finos, cabelo louro, a pele clara das crianças perfeitas ilustradas em pinturas, e seus olhos azul-piscina chamam a atenção de qualquer um.

Adrien é muito magro, tem o cabelo castanho-escuro, bagunçado, com mechas indomáveis, sua pele é macia, e é tão tímido que parece se esconder atrás de si mesmo.

Nina tem a graça de uma corça. Suas sobrancelhas e seus longos cílios pretos emolduram os olhos de ébano. Após dois meses de verão, sua pele está bronzeada.

Por trás dos óculos, monsieur Py observa seus futuros alunos, parecendo satisfeito, sorri e pede que o sigam para dentro da sala, onde para diante do quadro-negro.

Sempre aquele silêncio terrível. Cada passo, cada gesto é assustador.

Cada um escolhe uma carteira aleatoriamente. Os que se conhecem se reúnem em pares. Étienne empurra Adrien discretamente com o quadril para ficar ao lado de Nina. Adrien obedece e ocupa o lugar atrás dela. Ele a olha, esquecendo o professor. Perde-se em suas tranças, seu cabelo

castanho-escuro repartido no meio, na ponta dos fios clareada pelo sol, seus dois elásticos, nos botões perolados do vestido de veludo vermelho, nos pelos em seu pescoço. A beleza vista de costas. Ela sente seu olhar e se vira furtivamente para lhe lançar um sorriso malicioso. Um sorriso que o tranquiliza. Ele tem uma amiga. Uma colega. Vai poder voltar para casa e dizer à sua mãe: “Fiz uma amiga.” Torce para que Nina também coma na cantina, como ele.

— Podem se sentar.

Monsieur Py se apresenta, escrevendo seu nome no quadro. A tensão diminui. No fundo ele parece gentil, quase sorri, explica as coisas com calma. Talvez tenha mudado. Não dizem que os adultos podem ficar mais bonzinhos com o tempo?

A manhã passa depressa. Os livros escolares são distribuídos e devem ser encapados na mesma noite, não no dia seguinte.

— Detesto procrastinação... — diz monsieur Py, vasculhando sua mala de couro.

Há um grande silêncio de incerteza na sala de aula.

— Vejo que vocês não conhecem o significado dessa palavra.

Monsieur Py se levanta, apaga o nome com o apagador e escreve no quadro: PROCRASTINAÇÃO: DO VERBO PROCRASTINAR, e sublinha três vezes.

— Significa deixar para amanhã o que podemos fazer hoje.

Em seguida, ele pede que os alunos se levantem, um de cada vez, digam nome e sobrenome e definam um ponto fraco e um ponto forte.

Ninguém se move.

— Ai, ai, ai, vocês estão dormindo acordados! Precisam acordar! Bem, vamos na sorte então.

Ele aponta para a menina ao lado de Adrien, uma lourinha muito pálida. Ela fica de pé.

— Meu nome é Caroline Desseigne, meu ponto forte é gostar de ler, meu ponto fraco é que tenho vertigem...

Caroline fica um pouco corada e se senta.

— Próximo! Esse ao seu lado — diz Py.

Adrien se levanta. A testa vermelha. As mãos úmidas. O terror de falar em público.

— Meu nome é Adrien Bobin. Meu ponto forte é gostar de ler também... Meu ponto fraco... tenho medo de cobra.

Nina levanta a mão. O professor a encoraja, meneando a cabeça.

— Eu me chamo Nina Beau. Meu ponto forte é desenhar... Meu ponto fraco, a asma.

Étienne fica de pé.

— Você não levantou a mão! — grita Py.

Silêncio.

— Tudo bem, é o primeiro dia, geralmente no primeiro dia estou mais tranquilo. Sente-se. Se quiser falar, vai ter que levantar a mão. Próximo!

Étienne se senta imediatamente, suando frio nas costas. Suas mãos tremem.

É meio-dia, o sinal toca em todas as salas de aula. Ninguém ousa se mover. Monsieur Py pede aos alunos que ainda não se apresentaram que terminem o exercício. Étienne levanta a mão diversas vezes para falar, mas o professor o ignora até o momento em que manda todos irem almoçar.

Assim que saem da sala, Étienne e Adrien ficam esperando Nina diante da porta, na esperança de que o grupo se junte novamente. Quando ela chega, Étienne está arrasado.

— Todo mundo se apresentou, menos eu — diz ele, gemendo.

— Como é que você se chama mesmo? — pergunta Nina.

— Étienne Beaulieu. Meu ponto forte são os esportes, meu ponto fraco... não sei... sou mais ou menos bom em tudo.

— Você não tem nenhum defeito? — indaga Nina.

— Acho que não.

— Não tem medo de nada? — questiona Adrien, espantado.

— Não.

— Mesmo numa floresta, sozinho, de noite?

— Acho que não. Não sei. Teria que tentar.

Eles caminham lado a lado, apressados. Estão vinte minutos atrasados para o almoço.

Nina no meio, Adrien à direita, Étienne à esquerda.

Aluno: Adrien Bobin, rua John-Kennedy, 25, 71200, La Comelle, nascido em 20 de abril de 1976 em Paris, francês.

Pai: Sylvain Bobin, rua Rome, 7, 75017, Paris, bancário, nascido em 6 de agosto de 1941 em Paris, francês.

Mãe: Joséphine Simoni, rua John-Kennedy, 25, 71200, La Comelle, auxiliar de enfermagem pediátrica, nascida em 7 de setembro de 1952 em Clermont-Ferrand, francesa.

Outro responsável legal, endereço, profissão, data de nascimento, nacionalidade, telefone domicílio, telefone trabalho.

Em caso de emergência, telefonar para: Joséphine Simoni, 85 67 90 03.

Aluno: Étienne Joseph Jean Beaulieu, rua Bois-d'Agland, 7, 71200, La Comelle, nascido em 22 de outubro de 1976 em Paray-le-Monial, francês.

Irmão: Paul-Émile, 19 anos. Irmã: Louise, 9 anos.

Pai: Beaulieu, Marc, rua Bois-d'Agland 7, 71200 La Comelle, funcionário administrativo em Autun, nascido em 13 de novembro de 1941 em Paris, francês.

Mãe: Marie-Laure Beaulieu (sobrenome de solteira: Petit), rua Bois-d'Agland, 7, 71200, La Comelle, funcionária jurídica em Mâcon, nascida em 1º de março de 1958, francesa.

Em caso de emergência, telefonar para: Bernadette Rancoeur (trabalhadora doméstica), 85 30 52 11.

Aluna: Nina Beau, rua Gagères, 3, 71200, La Comelle, nascida em 2 de agosto de 1976 em Colombes, francesa.

Pai: desconhecido.

Mãe: Marion Beau, rua Aubert, 3, 93200, Saint-Denis, profissão desconhecida, nascida em 3 de julho de 1958 em La Comelle, francesa.

Outro responsável legal: Pierre Beau (avô), rua Gagères, 3, 71200, La Comelle, funcionário dos Correios, viúvo, nascido em 16 de março de 1938, francês.

Em caso de emergência, telefonar para: Pierre Beau, 85 29 87 68.

3

5 de dezembro de 2017

Repasso a informação muitas vezes na minha mente, sem acreditar. Como uma pessoa solitária... o que será que eu estava pensando no dia em que me candidatei para escrever para o jornal? Um desafio? Uma loucura passageira? Não me interessa pelas fofocas, nem pelas aposentadorias e muito menos pelas competições de petanca. Mas aqui estou. É como se eu estivesse me afogando.

Sem dúvidas é um acaso infeliz.

O lago da floresta. Uma antiga pedreira de areia ao sul de La Comelle, no caminho para Autun. Lençóis freáticos em contato com o rio Saône encheram cerca de cem hectares de água. Quando éramos crianças, mergulhá-vamos lá o tempo todo. Sabíamos que era arriscado, gostávamos de brincar com o perigo, mas também não nos afastávamos muito das margens por conta dos deslizamentos de terra que causavam buracos perigosos. Só alguns meninos tinham coragem de ir até o meio. Gostavam de se exhibir. E existiam várias lendas a respeito do lago. Diziam que à noite dava para ver os fantasmas daqueles que tinham se afogado nele, nadando na superfície em suas mortalhas. Nunca vi nada além de pessoas acampando e latinhas de cerveja abandonadas. Muitos de nós não entravam na água descalços. Quando estava com muito calor, eu entrava sem tirar o tênis do pé. Não era raro alguém se machucar com um caco de vidro ou um pedaço de ferro. Eu preferia nadar na piscina municipal. Mas, nas noites de verão, íamos até o lago escutar música e beber ao redor da fogueira.

Faz anos que não vou lá.

Como estão restaurando uma das margens, é a primeira vez em cinquenta anos que drenam parte do lago. A prefeitura está realizando um estudo de viabilidade para instalar uma praia artificial com tobogãs e uma barraca de lanches. Uma área que contaria com a supervisão de salva-

-vidas. Querem também controlar os acampamentos e os banhistas que se arriscam demais.

Na semana passada, quando drenaram a parte oeste do lago, encontraram um carro. Para acessarmos a margem, temos que pegar trilhas sinuosas e estreitas. Geralmente, quem vem dirigindo estaciona em um terreno improvisado entre dois campos, a cerca de trezentos metros do acesso principal.

A placa do carro naufragado foi identificada: um Twingo roubado em 17 de agosto de 1994, em La Comelle. Até aí, nada de anormal: o ladrão ou os ladrões queriam se livrar do veículo. Mas o que deixou os policiais intrigados foi que a data corresponde ao desaparecimento de Clotilde Marais.

Dia 17 de agosto de 1994. Quando ouvi o editor do jornal pronunciar essa data, meu sangue gelou. Perguntei se não podia enviar alguém da sede, um jornalista mais experiente, mas todos estavam de férias, e eu era a única de plantão. “Temos uma investigação em curso, você precisa ir até o lago o quanto antes. Queremos uma foto do carro e a matéria pronta antes do anoitecer...”

Procuro meu crachá de imprensa no fundo de uma gaveta. Não costumo usá-lo. Nunca me pedem para apresentá-lo na hora de escrever uma matéria sobre a eleição da Miss Petanca.

Eu não gostava de Clotilde Marais. Tinha inveja de suas longas pernas torneadas, que ela passava ao redor da cintura de Étienne. Essa imagem me volta à mente. Ela sentada sobre uma mureta, ele de pé, os dois trocando beijos de língua. Ela está vestindo um short, suas pernas abraçam a cintura dele. Está descalça, as unhas pintadas de vermelho, *pedicure* impecável. Suas sandálias gladiadoras douradas jazem na calçada. É o auge da feminilidade. Tenho vontade de empurrá-la. De tomar seu lugar. De ser ela. É claro que não fiz nada. Segui meu caminho prendendo a respiração.

Clotilde Marais sumiu durante o verão, aos dezoito anos. Quando desapareceu, a cidade inteira ficou perturbada. Por que ir embora sem deixar explicações, uma carta sequer? Ao mesmo tempo, não fiquei surpresa; era uma menina arrogante e reservada, não tinha amigos e andava quase sempre sozinha.

Tenho vontade de ligar para Nina, no abrigo, para contar sobre os destroços no lago. Mas eu nunca faria isso. É só um impulso que contendo imediatamente.

Quanto a Étienne, nem imagino o que sentirá quando descobrir.

4

O ano letivo de 1986-1987 foi o único em que o professor Antoine Py trocou de alvo no meio do ano.

Entre 1955 e 2001, a cada volta às aulas, ele se dedicava a adivinhar quem seria seu saco de pancada. Já se preparava mentalmente enquanto fazia suas palavras cruzadas em Sables-d'Olonne, para onde ia todo verão.

Seria louro, moreno, ruivo? Grande, porque estava repetindo de ano, ou magrelo, porque era medroso? Um aluno que ele não suportaria desde o começo, desde que colocasse a bunda em um dos assentos da sala, desde que dissesse a palavra “presente” e que sua voz o irritasse como o um garfo arranhando o fundo de um prato.

Só meninos. Garotas não o interessavam. Ele passava horas lendo e decifrando as fichas pessoais dos alunos para encontrar alguém ideal.

Como gostava de decifrar os nomes, sobrenomes, as situações familiares de seus alunos! Como se deleitava com todas aquelas informações! Era como se estivesse do lado de fora, observando no escuro o que acontece dentro de uma casa com as luzes acesas.

Profissões do pai e da mãe. Ele nunca escolhia um aluno cujos pais fossem funcionários públicos. Foi o que salvou Étienne Beaulieu no primeiro dia de aula em 1986. Se Py não tivesse lido na sua ficha que os pais dele eram funcionários públicos de cargos importantes, o teria maltratado o ano inteiro. Levantar e falar sem pedir permissão, vejam só!

E ele nunca mexia com um Abdél Kader, como gostava de chamar os alunos de religião muçulmana na presença de alguns amigos escolhidos a dedo: professores que lecionavam em outras escolas, reunidos nas varandas dos cafés de Sables-d'Olonne.

Antoine Py não tinha amigos em La Comelle, tinha uma posição, e, por conta disso, todos o respeitavam e mantinham certa distância.

Depois de ter feito uma triagem, examinando a situação profissional dos pais e as respectivas nacionalidades, três dias eram suficientes para

eleger, a partir de vários critérios invariáveis, quem lhe causaria antipatia: o aluno deveria ter um ar de estupidez, um olhar de besta, uma lentidão na compreensão, um tique, uma camisa amassada, um pouco de gordura na barriga, sapatos sujos, uma postura insegura. Também poderia azucrinar aquele que parecesse seguro demais, pretensioso, com um sorrisinho no canto da boca, um olhar ousado, um engraçadinho. Adorava calar esses meninos.

Procurava a rachadura mais imperceptível da turma para se enfiar lá dentro.

Sempre tinha dado aula no quinto ano, a última série antes que os alunos entrassem na segunda parte do ensino fundamental, que ele considerava ser a “grande lixeira da educação nacional”. A sensação era a de talhar pedras preciosas para que terminassem numa sarjeta. “É que nem mijar num violino”, como dizia à esposa enquanto engolia sua sopa à noite.

Em setembro de 1986, ele se decidiu por Martin Delannoy, que tinha repetido o segundo ano. Ele havia sido diagnosticado com dislexia e se consultava com um fonoaudiólogo. Py não o mandava ler textos em voz alta diante da turma toda: isso seria simples demais, não era cruel o suficiente, além de ser muito arriscado. O professor não queria provocar a desconfiança dos pais; afinal, os alunos falavam, contavam tudo o que acontecia diante de seus pratos de ravióli. Em vez disso, seu prazer perverso era mandar Martin Delannoy resolver problemas de matemática irresolvíveis todas as manhãs no quadro.

Escondia sua satisfação atrás do sorriso falso quando via o aluno tremer e ficar pálido. Gostava de observar o brilho das finas gotículas de suor em suas têmporas e na testa, as lágrimas contidas até que uma minúscula poça caísse sobre o estrado de madeira, uma gota de sangue translúcida, a tristeza contida por tempo demais, depois eram rios nas bochechas, como uma barragem que cede. E ele, Py, assumia uma voz melosa e dizia: “Volte para o seu lugar, meu garoto, você vai ficar aqui durante o recreio pra eu explicar.”

Ele raramente gritava, era de uma brandura nojenta. Então, sem aviso, porque um aluno estava falando, porque sua esposa tinha lhe virado as costas na noite anterior, porque não fizeram algo que ele queria pela manhã, Py agarrava a gola da camisa de uma criança e a erguia. Nota ruim, tema irrelevante, risos, falação, falta de atenção, bocejo... nesses casos, os muros tremiam e a voz do homem ressoava até os cumes dos grandes castanheiros plantados no pátio.

Os pais dos alunos não reclamavam, porque todos que passavam pela turma do monsieur Py conseguiam aumentar a média. Diziam seu nome com delicadeza, sussurrando “Está na turma do monsieur Py”, com um sorriso e um contentamento evidente.

No fim do ano, lhe ofereciam diversos presentes, que ele recebia com os olhos marejados, dizendo: “Vocês sabem que eu só estou fazendo o meu trabalho.”

Py era um professor extremamente eficiente. Ele podia passar horas explicando algo até que todos entendessem. Era capaz de repetir mil vezes a mesma explicação. Obrigava os alunos a copiar uma lição até que ela fosse assimilada de uma vez por todas. Mandava uma lista de trabalhos de casa longuíssima, que ocupava noites e domingos inteiros.

Era um professor impressionante, então podia muito bem escolher um alvo para compensar. Até mesmo o diretor da escola, monsieur Avril, fechava os olhos para suas atitudes pouco ortodoxas tendo em vista seus resultados excepcionais.

O ano letivo de 1986-1987 começou com Martin Delannoy, até o dia em que a foto da turma foi distribuída logo antes do recreio. Um envelope por criança com o preço da foto e dos retratos individuais transformados em calendários, marca-páginas e cartões.

Nessa manhã, Adrien Bobin e Martin Delannoy ficaram na sala para terminar de copiar a lição sobre concordâncias no plural. Py foi até a sala dos professores para tomar um café. Voltou para a sala de aula lá pelas onze, alguns minutos antes de a aula começar outra vez.

Empurrou a porta silenciosamente. Adorava chegar de surpresa atrás de um aluno para assustá-lo. Observou Martin Delannoy com a cara enfiada no caderno, a cabeça de lado, passando a língua nos lábios enquanto copiava a lição. Py ia fazer um comentário sobre o seu jeito de segurar a caneta-tinteiro quando Adrien Bobin chamou sua atenção. O menino cabeludo que não reclamava nunca. Estudioso. O tipo de garoto que deixaria em paz, de modo geral — mas naquela manhã ele não resistiu.

Py foi atravessado por uma espada gelada quando seu olhar repousou em Adrien. Seu cérebro afiado levou um quarto de segundo para analisar. Sua raiva silenciosa, sua perversão, passaram de um para o outro. Parecia uma descarga elétrica passando de Delannoy, sentado à esquerda da sala, a Bobin, à direita.

Adrien ergueu a cabeça e só viu a escuridão no olhar de Py. Atrás dos óculos, uma tempestade louca se lançava sobre ele. Ameaçadora e mortal. Daquelas que matam. Adrien entendeu imediatamente. Baixou os olhos e voltou ao trabalho, mas já era tarde demais.

6 de dezembro de 2017

Ouçõ os sinos da igreja ao longe. Quando eles se manifestam em plena tarde é porque alguém está sendo enterrado. Um idoso, sem dúvida. Se fosse uma pessoa jovem, eu teria descoberto durante o meu plantão. Aqui só tem velhos. Das duas escolas, a Pasteur e a Danton, só uma sobrou, e até quando? Quando uma usina perde seus funcionários, perdemos também seus filhos. Nos últimos vinte anos, houve muitas demissões em massa e aposentadorias precoces. A usina Magellan, que fabrica peças de automóveis, passou de três mil funcionários assalariados em 1980 para 340 em 2017. O golpe final veio em 2003, quando a empresa de transporte Damamme foi vendida, e depois, alguns anos mais tarde, transferida de local.

Chove em minha tília.

Estou revisando um manuscrito enquanto espero para saber mais a respeito do carro que foi encontrado no fundo do lago. O veículo foi levado até Autun. Os policiais não me deixaram chegar perto. Tirei algumas fotos da carcaça retirada da água. Hoje de manhã, a história ocupou um espaço minúsculo do jornal. Mas se encontrarem um ou mais cadáveres lá dentro, vai passar para a primeira página. Tenho a impressão de que os policiais estão pisando em ovos com os jornalistas. Segundo uma fonte, parece que há ossos dentro do carro. Não consigo não pensar em Clotilde Marais.

Agora há pouco, enquanto arrumava algumas coisas, a reconheci na minha foto da turma do quinto ano. Em março de 1987, a garota tinha apenas onze anos. Tinha esquecido que Clotilde estava na nossa turma. Foi um choque revê-la criança. Por muito tempo, seu retrato ficou exposto nos arredores. Mas, como na noite do seu desaparecimento uma testemunha a identificou formalmente na estação de trem, todo mundo achou que Clotilde havia fugido.

Na foto vejo também o velho Py, com sua camisa cinza, e os três B lado a lado. Beaulieu, Beau, Bobin. Eu, na segunda fileira, a quarta a partir do lado esquerdo, magra demais, invisível, inexistente.

Durante o “ano Py”, Nina, Étienne e Adrien se encontravam na frente da escola dez minutos antes de o sinal tocar. Não tinham outros colegas. Andavam quase colados um ao outro, como cãezinhos de uma mesma ninhada. No entanto, não se pareciam em nada. Nem fisicamente, nem no comportamento.

Onze anos é aquela idade em que a maioria das meninas anda com as meninas e os meninos, com os meninos.

Nina dormia tarde e parecia estar sempre cansada. Diziam que ela ajudava o avô a organizar as cartas em ruas e bairros para a distribuição no dia seguinte. Não era verdade, a seleção era feita de manhã, no correio. Ela certamente ficava desenhando até tarde da noite. Estava sempre com os dedos sujos por causa dos lápis de carvão. Mesmo esfregando com uma escovinha e sabão, o grafite deixava suas unhas cinza.

Eu adorava as olheiras sob os olhos de Nina. Tinha inveja delas. Aquilo a envelhecia, a fazia parecer mais madura. Eu queria roubar suas marcas de cansaço. Queria roubar tudo dela. Seu nariz pequeno, sua aparência, sua postura, seu sorriso.

Quando criança, Nina lembrava Audrey Hepburn. Mais velha também, só que uma versão triste dela. Se bem que Audrey sempre teve um olhar melancólico. No caso de Nina, era um pouco mais sombrio, como se já tivesse passado por tudo, mesmo que ainda fosse uma menina. Ninguém sabia quem era seu pai, mas achavam que ele era do norte da África ou do sul da Itália, porque, segundo os boatos, sua mãe era ruiva de olhos verdes, e Nina tinha os olhos tão escuros que mal dava para ver suas pupilas.

Os três B iam para a escola a pé. Étienne e Adrien só andavam de skate à noite, nas tardes de quarta-feira e nas férias.

Nina e o avô moravam em uma vila operária, numa dessas casas de tijolo todas idênticas, coladas umas às outras em uma dezena de ruas, com uma pequena horta nos fundos. Cada jardim alimentava uma família inteira, e alguns vizinhos também, se a colheita fosse boa.

Adrien e sua mãe, Joséphine, moravam em um apartamento no quarto e último andar de um prédio dos anos 1960.

Étienne, seus pais e sua irmã mais nova, Louise, moravam em uma bela casa cercada de árvores centenárias. O filho mais velho, Paul-Émile, tinha ido estudar em Dijon.

Nina era criada por um velho.

Étienne era filho de um velho.

O pai de Adrien era ausente, e sua mãe participara do movimento de 1968. Ela fumava maconha e escutava *Say It Ain't So, Joe*, de Murray Head, enquanto limpava as janelas da sala de jantar.

Os três moravam perto da escola.

Eram unidos por um mesmo ideal: ir embora dali quando crescessem. Deixar aquele interior para morar numa cidade cheia de semáforos, barulho e fervor, de escadas rolantes e vitrines. E de luzes por toda parte, mesmo à noite. Cheia de gente nas calçadas, desconhecidos, estranhos sobre os quais não se pode fofocar.

Passavam a maior parte do tempo livre juntos, incluindo recreios e almoços. Riam das mesmas coisas. Pegavam listas telefônicas, abriam numa página qualquer, discavam um número e faziam reservas disfarçando a voz. Viam as revistas *Magnum* e *Fame* com as cortinas fechadas, comendo bala. Jogavam Mastermind e batalha naval. Liam Tintim ou o *Almanach de l'étrange* juntos, deitados na cama de Nina. “Acabei...”, diziam Adrien e Étienne em uníssono. Então, só quando os dois garotos se pronunciavam, Nina virava a página.

Eles adoravam meter medo uns nos outros, contar histórias, colocar bombas de fedor nos corredores do supermercado, se gravar cantando durante horas no gravador de fita cassete e ouvir depois, rindo feito bobos. Étienne era o vocalista, Nina, o coro e Adrien acompanhava sem hesitar.

Seus rituais também eram ritmados pelas crises de asma de Nina. Os três dependiam de seus brônquios temperamentais. Algumas crises podiam durar horas, apesar da bombinha. Durante as crises mais intensas, Nina preferia ficar sozinha, com sua respiração desregulada.

Adrien e Étienne voltavam para suas respectivas casas. Adrien para ler ou pensar sobre o que tinham conversado. Étienne para andar de skate ou assistir ao fim de *Récré A2* na televisão com Louise, sua irmã mais nova.

Nina era o elo que unia os dois. Sem ela, Adrien e Étienne não se encontravam. Eram três, ou nada.

Os dois meninos gostavam de Nina porque ela não julgava ninguém, enquanto em La Comelle todo mundo fofocava sobre todo mundo. Boatos eram herdados. Eram passados de geração em geração. Nina levava a reputação da mãe, era apenas a “pequena bastarda de uma zé-ninguém”. Adrien, devido a sua timidez, só atraía o interesse de Nina, que o achava

inteligente e misterioso. Sua mãe, Joséphine Simoni, uma riponga cujas saias compridas se arrastavam pela calçada, havia acabado de ser contratada na creche municipal. Não tinha pai. Viam mãe e filho como dois hippies. Quanto a Étienne, era desdenhado por muitos alunos por ser “filho de burgueses”. Em La Comelle, as pessoas não se misturavam. Os guardanapos de pano ficavam com os guardanapos de pano e os panos de chão com os panos de chão. Os operários eram respeitados, os mestres de obras nem tanto. Os filhos de funcionários públicos eram malvistas, o conforto e a riqueza eram quase suspeitos.

Os três sempre iam ao cinema juntos. Sempre se sentavam na primeira fileira. Ali, Adrien não ficava abandonado lá atrás como na sala de aula, ficava ao lado de Nina. Ela no meio, ele à sua direita, Étienne à esquerda dela.

No dia em que viram *A Vingança de Manon*, Nina agarrou a mão dos dois no momento em que Ugolin costura o lenço de Manon na própria pele, e as continuou segurando muito tempo depois de Ugolin ter se enforcado.

A Vingança de Manon se tornou o filme preferido de Adrien e Étienne, por mais que não admitissem. Quando perguntavam “Qual é o seu filme preferido?”, eles respondiam: “*O Retorno de Jedi*.” Mas estavam mentindo.

7 de dezembro de 2017

Quinta-feira, dia de ir ao supermercado. Sempre torço para cruzar com Nina, mas nunca acontece. Pego os produtos essenciais, depois desço até a feira. Torço novamente para encontrá-la, observo todos os carros que passam, mas não a vejo. É como se ela vivesse escondida.

Depois de comprar minhas frutas e legumes, tomo um café em um bistrô que fica no terraço da igreja. Observo as pessoas passando com seus carrinhos de feira e suas cestas. Casais, mulheres sozinhas, viúvos.

Gosto da garçonete. Ela não me reconhece. Seu nome é Sandrine Martin. Cursamos o sétimo ano juntas, na mesma turma que os três. Depois, ela foi fazer um estágio em outra cidade. Tinha a estranha mania de cuspir no chão o tempo todo. Era bonita. Ainda é. Mas os cigarros e uma vida de trabalhos temporários são visíveis nos sulcos do seu rosto e nos lábios rachados. No inverno, seus casacos escondem uma sereia azul desbotada em seu antebraço. Uma sereia que nunca relaxou nas varandas dos palácios.

Às vezes tenho vontade de dizer: “Sou eu, Virginie.” Mas para quê? Para conversar sobre o quê?

“Você tem filhos?”

“Não. E você?”

“Sim. Dois.”

“Quantos anos eles têm?”

“Quinze e dezoito.”

“Faz muito tempo que você trabalha aqui?”

“Por que ainda está na cidade? É muito parado por aqui.”

Prefiro que Sandrine não me reconheça. Sorrimos uma para a outra. Ela me entrega o jornal do dia. Deixo trinta centavos de gorjeta. Quero deixar cinquenta, mas para um café de 1,20 euro seria demais. Ela presta atenção em mim.

— Tchou.

Às vezes é bom não ser reconhecida. Fico mais tranquila assim.

Na volta para casa, faço um desvio para passar em frente à minha antiga escola. Está fechada há muito tempo. Muito amianto e muitas correntes de vento. Foi depredada diversas vezes. Os ocupantes jogaram pedras e tentaram atear fogo ao prédio. Algumas janelas estão tapadas com papelão. Está cercada de mato alto.

Construíram uma escola nova, a Georges-Perec, que fica fora da cidade. Ela acolhe alunos de várias regiões.

Sempre que passo em frente à minha antiga escola, penso em um velho navio abandonado pelo capitão em um mar de concreto esverdeado e acidentado. Nesta manhã, quando passei por ela, parei o carro.

Geralmente passo por ela sem olhar direito, como eu desviava ao passar perto da Torre Eiffel antigamente.

Freei e estacionei no acostamento. Todo mundo dizia que aquilo aconteceria... As retroescavadeiras tinham iniciado seu trabalho: o prédio da Vieux-Colombier estava sendo demolido. Passei dez minutos observando o passado ser destruído. As chapas de metal azuis desmontadas, as paredes desmembradas à velocidade da luz, como se fosse um cenário, não um prédio de verdade onde haviam ensinado por décadas.

Daqui a alguns dias não sobrá nada.

Eu me lembrei da época em que, na sala de estudos, durante as pausas, eu observava do terceiro andar os alunos andando no pátio lá embaixo. Olhava muitas vezes, pensando: *Daqui a cem anos, eles terão morrido.*

Nunca teria imaginado que as paredes da minha antiga escola cederiam antes dos alunos.

O esvaziamento da usina Magellan e a transferência da sede da transportadora Damamme haviam condenado bairros inteiros. Apenas as duas ruas principais tentavam manter alguma dignidade. Os últimos heróis deste mundo moderno, os “pequenos comerciantes”, como são chamados nos jornais da TV, se mobilizam para manter o coração do centro da cidade batendo.

Aqui, as ervas daninhas ganharam terreno. Os lugares onde costumávamos circular quando eu era criança foram reduzidos a muros rachados, janelas fechadas, letreiros pálidos e enferrujados, e calçadas onde o concreto está coberto de musgo.

Restaram apenas terrenos baldios onde Adrien e Étienne andavam de skate.

Adrien, Étienne e Nina se conhecem na escola aos dez anos, em 1986, e rapidamente se tornam inseparáveis. Eles passam o dia juntos nadando na piscina, trocando confidências e prometendo que um dia sairão do interior da França e se mudarão para Paris, onde viverão de música.

Os três não podiam ser mais diferentes: Étienne é o rebelde, Adrien, o ingênuo, e Nina, a emotiva. No entanto, a união entre eles é maior do que qualquer diferença. Um não se vê sem o outro. Mas, às vezes, nem mesmo o laço mais forte é capaz de resistir aos percalços da vida. Enquanto a infância vai ficando para trás, a forte conexão entre os três também começa a ceder aos obstáculos que surgem ao longo do caminho.

Trinta anos depois de se conhecerem, Adrien, Étienne e Nina se tornaram estranhos uns para os outros. A amizade que eles juraram que seria eterna não existe mais. Porém, um acontecimento inesperado pode trazer à tona segredos enterrados há muito tempo.

Um carro é encontrado no fundo de um lago, e Virginie, uma jornalista com um passado enigmático, começa a investigar o caso enquanto reflete sobre a relação entre os três amigos. À medida que ela se aproxima da verdade, uma sequência de eventos e mistérios que se estende por três décadas é revelada e o destino dos três se cruza novamente.

Da mesma autora de *Água fresca para as flores*, *Três* é uma comovente história sobre as mudanças inevitáveis da vida e como os laços que nos unem e as escolhas que fazemos definem quem somos.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/tres/>